

## **DOSSIÊ: "História das Mulheres no Ocidente"**

---

### **ESCREVER UMA HISTÓRIA DAS MULHERES: relato de uma experiência\***

**Michelle Perrot\*\***

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes ("Não se sabe nada das mulheres", diz-se em tom de desculpa). Também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível. Ambiciosa, com certeza, esta pesquisa tem se desenvolvido no mundo ocidental há vinte anos. Com efeito, há uma teoria e uma historiografia da história das mulheres a partir das quais se pode elaborar os primeiros balanços críticos e se questionar sobre o sentido, as dificuldades, os efeitos destas pesquisas. Seria especialmente interessante elaborá-los, nos diversos espaços nacionais, com um espírito comparativo e aberto.

Gostaria de fazer isto, aqui, me baseando na experiência francesa, sem pretensões de abraçá-la na sua totalidade, isto é,

---

\* Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp).  
Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP.

\*\* Professora na Universidade Paris VII.

Escrever uma história das mulheres

me apoiando mais especificamente na *Histoire des Femmes en Occident*.

Embora esta obra tenha sido traduzida em muitas outras línguas e com versões até bastante diferenciadas (por exemplo, a espanhola), levarei em conta apenas a experiência francesa: o que ela significa no estrito campo das pesquisas históricas e no campo mais amplo das ciências humanas ? O que ela significa no que concerne ao feminismo e às relações entre os sexos na sociedade francesa ?

Tentarei inicialmente contextualizar tal experiência. Em seguida, evocarei sua gênese. Por fim, tratarei de alguns dos problemas e debates gerados por ela em um recente colóquio.<sup>1</sup>

### I. Situações

Algumas palavras iniciais de apresentação: primeiro, do meu itinerário intelectual<sup>2</sup> enquanto testemunho; a seguir, da obra coletiva *Histoire des Femmes en Occident* enquanto objeto-teste.

I. 1. No que me diz respeito, fui inicialmente - há tempos e ainda hoje - uma historiadora do âmbito social e do mundo operário. Pertencço a uma geração cujos mestres foram Camille-Ernest Labrousse e Fernand Braudel: as conjunturas e as estruturas, as crises e a economia mundial, a longa duração camponesa e o movimento operário, esses foram nossos primeiros horizontes. Na atualidade dos anos 50, a classe operária era a grande personagem, expressão da injustiça, chave do nosso porvir e do porvir do mundo. Fazer sua história era

---

<sup>1</sup> No colóquio organizado em outubro de 1992 na Sorbonne, a propósito da *Histoire des Femmes en Occident*, nós mesmas suscitamos, eu e minha equipe, "Leituras Críticas". Com efeito, na França, os principais perigos que espreitam a história das mulheres são o silêncio e a indiferença.

<sup>2</sup> PERROT, Michelle: "L'air du temps", IN *Essais d'Ego-Histoire*, sob a direção de Pierre Nora. Paris, Gallimard, 1987.

uma maneira de nos aproximarmos dela. Aliás, essa posição não era especificamente francesa; estão compreendidas nela, obras como a de E. P. Thompson, recentemente desaparecido (agosto de 1993), e a de E. Hobsbawn. Em outro sentido, tal convicção era propriamente feminina, pois, em virtude da sua longa exclusão do âmbito político, as mulheres estavam mais vinculadas ao âmbito social, onde desempenhavam sem muitas dificuldades a tarefa maior da esfera política (George Sand, no século XIX, não pensava de outra maneira). Nessas condições, a diferença entre os sexos conta menos do que a luta de classes e a opressão dos colonizados. As palavras de Simone de Beauvoir (*O Segundo Sexo* surge em 1949) tiveram inicialmente menos impacto do que seus atos. Por outro lado, muitas historiadoras do âmbito social demonstraram grande interesse ou investiram logo em seguida na história das mulheres, como se, após uma transfusão de energia, esses agentes anêmicos se tornassem *pop-stars* fulgurantes; o mesmo ocorreu com as categorias de análise. Com efeito, a história das mulheres se inscreve em uma genealogia das representações e da linguagem.

I. 2. Consideremos, agora, a *Histoire des Femmes en Occident* enquanto objeto-testemunha e ponto de cristalização das novas pesquisas. É uma aventura editorial (a expressão é ambiciosa, mas cada um tem as aventuras que pode!), cujo desenrolar é o seguinte: a iniciativa partiu da editora italiana *Laterza*, empresa de tipo familiar muito ativa nos setores das Ciências Humanas e Sociais, conhecida também por sua resistência ao fascismo no entre-guerras, suas ligações com a esquerda intelectual e ávida por inovações. *Laterza* publicara com muito sucesso a *Histoire de la Vie Privée* (publicação Seuil), dirigida por Philippe Ariès (falecido em 1985) e Georges Duby; quanto a mim, dirigira o tomo IV (século XIX) desta coleção. *Laterza* procurou Georges Duby na primavera de 1987, este, por sua vez, me contactou e eu, consultei as historiadoras com as quais já trabalhava há muitos anos neste campo. Após

hesitações e discussões, aceitamos. Era um desafio, ao mesmo tempo feminista e europeu. O fato de que a iniciativa tivesse sido masculina verdadeiramente não nos incomodava. Pelo contrário, víamos isso como um sinal de consideração para com o nosso trabalho, como uma ocasião ou meio de sair do gueto que nos era reservado sempre que possível. Aliás, esses "homens" não eram quaisquer homens! Georges Duby é o historiador prestigiado que se conhece. Já desde alguns anos introduzira a história das mulheres na sua obra<sup>3</sup> e nos seus cursos ministrados no *Collège de France*, convencido de que as relações entre os sexos eram uma dimensão maior da história e do nosso tempo. Sublinho esse aspecto apenas para responder às objeções posteriores a nós dirigidas por aquelas que teriam desejado uma total autonomia feminina em uma pesquisa desse tipo. Isto sem dúvida evidencia nossa debilidade objetiva no que concerne aos campos institucional e editorial, talvez uma certa falta de ambição que mereça análise, mas também o itinerário que, por força ou por escolha, havíamos seguido: a integração mais do que a ruptura.

Retornemos, agora, à *HDFO* (abreviaremos de agora em diante *Histoire des Femmes en Occident*). Havíamos aceitado a proposta de Laterza. Pauline Schimdt-Pantel, Chistriane Klapisch-Zuber, Arlette Farge, Geneviève Fraisse, Françoise Thébaud, cada uma delas aceitou dirigir um dos cinco volumes desta *Histoire*. Natalie Zemon Davis, por sua vez, aceitou de bom grado colaborar com Arlette Farge no que concerne ao período moderno. A obra foi realizada de 1988 a 90 e publicada simultaneamente na Itália e na França entre 1990 e 92. Setenta e dois colaboradores (60% de franceses e 75% de mulheres) escreveram cerca de três mil páginas. A coleção está em processo de tradução em seis outras línguas (a edição americana sairá seguramente pela Harvard University Press), tornando-se

---

<sup>3</sup> Cf. DUBY, Georges: *Le chevalier, la femme et le prêtre. Le mariage dans la France féodale*, Paris, Hachette, 1981.

uma obra que daqui para a frente tende a nos escapar. Prova disso é o fato de que nossas escolhas suscitaram debates, aos quais retornarei no momento oportuno.

Tendo esboçado o contexto dessas pesquisas, gostaria de traçar, voltando um pouco para trás, sua genealogia nos campos historiográfico, científico e feminista.

## **II. Gênese**

Considerar a diferença entre os sexos como um dado fundamental das ciências humanas e sociais é algo relativamente recente na França bem como alhures. Nesse sentido, a história não desempenhou um papel pioneiro. Por que essa espécie de silêncio ? E como aconteceu a transformação, pelo menos uma certa transformação?

### **II. 1. O silêncio da historiografia**

Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem.

Porém, como vocês sabem, a História se constitui verdadeiramente enquanto relato de saber, com seus métodos de pesquisa e suas regras de enunciação, somente a partir do século XIX. Dentre seus mais brilhantes representantes, encontra-se Michelet. Que lugar ele reserva às mulheres ? Na verdade, um lugar importante, como nos mostram dois de seus grandes livros,

*La Sorcière e Les femmes et la Révolution française*. Michelet chega mesmo a pensar que a relação entre os sexos é um dos motores da história. Contudo, associando as mulheres à Natureza e os homens à Cultura, reproduz a ideologia dominante do seu tempo. Segundo ele, a natureza feminina tem dois pólos, um branco e um negro: de um lado, a maternidade, o doméstico; de outro, a superstição, a crueldade, o sangue, a loucura, a histeria. Que as mulheres se ajustem ao primeiro pólo, tudo bem. São, dessa maneira, a pura encarnação do Povo generoso.<sup>4</sup> Inclinando-se elas na direção do segundo, a história perde suas leis e as catástrofes se sucedem. Exemplos: Catarina de Médicis; ou mesmo as "tricoteiras" da Revolução francesa, terminando no Terror (Taine, como a maior parte dos psicólogos de loucos, adotou essa visão de loucas históricas posto que mulheres).<sup>5</sup>

Ao menos Michelet teve o mérito de levar a sério a relação entre os sexos, o que é recusado pela Escola "positivista", contrária à louca visão romântica, e representada, na França, por acadêmicos como Charles Langlois ou Charles Seignobos, grandes mestres dos estudos históricos na Sorbonne. Em uma perspectiva política, a partir da qual a história é a memória da República e da Nação<sup>6</sup>, o relato histórico se organiza em torno dos acontecimentos públicos. Já que a política interior e exterior dos Estados (a diplomacia, as guerras) torna-se o essencial, pesquisa-se principalmente os documentos administrativos (crônica do poder). As mulheres, que estão a maior parte do tempo ausentes desses lugares, desaparecem conseqüentemente do relato histórico. Há, nessa história, uma espécie de encobrimento do âmbito privado e do cotidiano.

---

<sup>4</sup> RANCIÈRE, Jacques: *Courts voyages au pays du Peuple*. Paris, Seuil, 1990.

<sup>5</sup> BARROWS, Susanna: *Miroirs déformants. Réflexions sur la foule en France à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris, Aubier, 1990; traduzido de *Distorting Mirrors. Visions of the crown in Late Nineteenth Century France*. Yale University, 1981.

<sup>6</sup> NORA, Pierre: *Les Lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard, 5 volumes, 1984-1993.

Nos anos 30, a chamada *Escola dos Annales* opera uma nova ruptura. Porém, o que interessa primordialmente a Marc Bloch e Lucien Febvre, e mais ainda a Ernest Labrousse e Fernand Braudel, seus sucessores, são os planos econômico e social. A partir dos anos 70, a *Nouvelle Histoire*, como se costuma designar a terceira geração, se mostrará mais receptiva quanto à presença da dimensão sexuada no interior da evolução histórico-temporal, ainda que espontaneamente não demonstre tal interesse.

As razões dessa indiferença ou resistência são complexas e múltiplas. A primazia do marxismo (social, inicialmente) não facilitou as coisas. Por outro lado, são patentes as restrições que ele opôs à psicanálise.<sup>7</sup> O papel da História na cultura nacional francesa fez com que, dentro das Ciências Sociais, essa disciplina permanecesse prestigiada, logo masculina. Até pouco tempo, era difícil para as mulheres ocuparem seu espaço neste campo, já que lhes eram naturalmente reservados o estudo das línguas e da literatura.

Todavia, as coisas se transformaram. Como ?

## II. 2. Alguns fatores de transformação

Os fatores de transformação vieram inicialmente de outras disciplinas, mais sensíveis à diferença entre os sexos em virtude dos seus próprios procedimentos, tais como a Sociologia e mais ainda a Antropologia. A Sociologia foi pioneira graças aos trabalhos de Evelyne Sullerot, Madeleine Guilbert e Andrée Michel, ainda que muito diferentes entre si. Deve-se, à primeira,

---

<sup>7</sup> Não obstante, os trabalhos de Elisabeth ROUDINESCO permitem detalhar esse ponto de vista. Contestando sem cessar a psicanálise, os marxistas foram freqüentemente seus introdutores. Cf. *Histoire de la psychanalyse en France. La bataille de cent ans, 2 tomos*. Paris, Seuil, 1986.

pesquisas inovadoras acerca da imprensa feminina.<sup>8</sup> Próxima do marxismo, a segunda se interessou pelas desigualdades das mulheres no trabalho e no movimento operário.<sup>9</sup> Ligada a Simone de Beauvoir, Andrée Michel era a mais radical, apoiando Christine Delphy na sua crítica ao patriarcado, "o principal inimigo". Muito importante para as mulheres historiadoras, essas pesquisas pouco repercutiram entre os historiadores, que foram muito mais atenciosos com a Antropologia, em boa parte por causa da obra de Lévi-Strauss. Ora, a Antropologia colocava em primeiro plano suas preocupações com o estudo da família enquanto grupo humano fundamental e, conseqüentemente, a formação do casal, as relações pais-filhos, o parentesco, etc... Alguns etnólogos, tais como Martin Segalen e Yvonne Verdier, chamaram a atenção para as formas de cultura feminina. Etnólogos e historiadores colaboraram em uma *Histoire de la famille*<sup>10</sup>, oriunda dessa corrente de antropologia histórica cujos trabalhos de Christiane Klapisch-Zuber acerca da família florentina do *Quattrocento* fornecem uma brilhante demonstração. A tal transfusão de energia, nessas circunstâncias, tinha se consumado.

Por outro lado, sob a influência de alguns pesquisadores, tais como Philippe Ariès e Georges Duby, a vida privada apareceu como um campo a ser explorado e problematizado. O que é a vida privada de uma sociedade ? Ora, fazer história de uma fronteira ou espaço nos confins dos âmbitos público e íntimo é incorporar a família, a história da casa, do indivíduo, da sexualidade, à qual Michel Foucault consagrara, já em 1976, um

---

<sup>8</sup> Tratava-se de tentar circunscrever a parte biológica no âmbito feminino. Contestaríamos, hoje, muitos dos pontos de vista deste colóquio. SULLEROT, Evelyne: *Le Fait féminin*. Paris, Fayard, 1978.

<sup>9</sup> Cf. GUILBERT, Madeleine: *Les fonctions des femmes dans l'industrie*. Paris, CNRS, 1966; *Les femmes et l'organisation syndicale avant 1914*. Paris, CNRS, 1966.

<sup>10</sup> Sob a direção de André BURGUIÈRE, Christiane KLAPISCH-ZUBER e Martine SEGALIN. Paris, Colin, 2 tomos, 1987; KLAPISCH-ZUBER, Christiane: *La Maison et le Nom. Stratégies et Rituels dans l'Italie de la Renaissance*. Paris, EHESS, 1990.

livro retumbante.<sup>11</sup> Tudo isso indicava novas preocupações. Entretanto, pode-se tratar de família e vida privada sem abordar frontalmente a questão das mulheres enquanto sujeitos da história. Aqueles que o faziam se situavam um pouco à margem do ambiente universitário; penso, por exemplo, nas biografias que Edith Thomas (arquivista, militante e mulher de esquerda) consagrou a Pauline Roland e a Louise Michel.

O fator decisivo foi, aqui e alhures, creio eu, o próprio movimento das mulheres. Na França, ele se desenvolveu a partir dos anos 70, ano da fundação do *Mouvement de Libération des Femmes (MLF)*. Graças ao livro de Françoise Picq<sup>12</sup>, tornam-se melhor conhecidos de agora em diante os episódios, os agentes, os jogos e os conflitos. Verdadeiro movimento social em virtude da sua amplitude, ele não se preocupou inicialmente em escrever a história das mulheres, embora obtivesse efeitos quase imediatos nesse sentido. Dessa maneira, a questão da diferença entre os sexos se torna, desde o início dos anos 70, o objeto de reflexão e de intensos debates ou divisões entre as feministas essencialistas, sobretudo aquelas próximas da psicanálise (Luce Irigaray, Antoinette Fouque e o grupo *Psychanalyse et Politique, Psychépo*), da lingüística (por algum tempo, Julia Kristeva) e de toda uma vertente de estudos literários (Hélène Cixous e a busca da escritura feminina); mas também ocorrem debates entre as feministas chamadas "diferencialistas", vinculadas à idéia segundo a qual a diferença entre os sexos não é um dado da natureza, mas uma construção social.<sup>13</sup> Antropólogos, sociólogos, historiadores(as) se situam, logicamente, nessa última vertente. Nos anos 70 e sobretudo 80, ocorreram discussões acaloradas, das quais se pode ter uma idéia percorrendo algumas revistas, tais como *Cahiers du GRIF* (a

---

<sup>11</sup> Cf. FOUCAULT, Michel: *La volonté de savoir*. Paris, Gallimard. 1976.

<sup>12</sup> Cf. PICQ, Françoise: *Libération des Femmes. Les années-Mouvement*. Paris, Seuil, 1993.

<sup>13</sup> Cf. PICQ, Françoise: *op. cit.*, p. 125 ss.

partir de 73), *Questions Féministes* (77-80), *Nouvelles Questions Féministes* (a partir de 80), *Sorcières* (76-79) etc.

A investida na pesquisa propriamente dita se intensifica até o fim dos anos 70, como uma compensação pelas retrações do Movimento, o qual conheceu um inevitável recuo após as vitórias alcançadas quanto aos direitos das mulheres (a Lei *Veil* sobre o aborto, 1974; lei sobre as penalidades do estupro, 1980).<sup>14</sup> Formaram-se grupos de reflexão em algumas universidades (Aix-Marseille, Lyon, Toulouse, Paris VII e Paris VIII especialmente), grupos freqüentemente não-mistos, a meio-caminho entre seminários e grupos de estudo. A seguir, alguns acadêmicos deram continuidade ao processo no nível de cursos e de programas de pesquisa. Em 76, ocorre em Aix-en-Provence um colóquio sobre as "mulheres nas Ciências Humanas"; o debate foi particularmente mais intenso entre Psicanálise e Ciências Sociais.

A chegada da esquerda ao poder em 1981 foi um fator de reconhecimento e de relativa institucionalização para os estudos de gênero. O Ministério da Pesquisa concedeu seu apoio à realização de um colóquio nacional sobre "*Femmes, féminisme et recherches*", em Toulouse, 1982, cujas *Atas* constituem o estado da questão naquele momento.<sup>15</sup> O CNRS financiou uma *ATP-Femmes (Action thématique programée)*, cuja originalidade foi subvencionar pesquisas nas instituições e também fora delas. A questão das diferenças entre os sexos se tornava um dos eixos prioritários; o colóquio *Sexe et Genre. De la hiéarque entre les sexes*<sup>16</sup> fornece uma excelente idéia do grau de reflexão alcançado nas diversas disciplinas. Graças a Yvette Roudy, designada pelo Ministro da Educação Nacional, Alain Savary, algumas cadeiras de estudos feministas foram criadas nas

---

<sup>14</sup> MOSSUZ-LAVAU, Janine: *Les lois de l'amour. Les politiques de la sexualité en France (1950-1990)*. Paris, Payot, 1991.

<sup>15</sup> *Actes du colloque Femmes, féminisme et recherche*. Lyon, AFFER, 1985.

<sup>16</sup> HURTIG, Marie-Claude; KAIL, Michèle; e ROUCH, Hélène (editores): Paris, CNRS, 1991.

universidades mais envolvidas com esse processo. Caminhava-se na direção de um "feminismo de Estado" ? Algumas temiam essa "recuperação" acadêmica e a ruptura entre movimento e pesquisa. Todavia, deve-se à esquerda as pequenas posições conquistadas, muito irrisórias quando comparadas com os *Women's Studies* americanos, modelo de eficaz mediação cultural, invejado ou particularmente elogiado pelas nossas colegas dos Departamentos de estudos de língua inglesa. Através delas, o pensamento feminista americano torna-se rapidamente conhecido e influente na França.

### II. 3. Uma História das mulheres é possível ?

E a História em tudo isso ? Não estava na linha de frente. De início, em função da amnésia quase voluntária de um movimento que se considerava ponto de partida absoluto: "Liberação das mulheres: ano zero", foi o título de um artigo célebre.<sup>17</sup> A seguir, muitas historiadoras, após a experiência da história operária, afastam-se de uma história regida por um sentido, militante, movendo-se em busca da idade do ouro e de ancestrais heróicos (Matriarcado, Amazonas). Como conciliar a força da contestação de uma subjetividade explosiva e o procedimento de uma disciplina solidamente constituída ? As feministas falavam de bom grado em "ciência feminista" e "ruptura epistemológica". Que sentido isso tinha em relação à história ?

Não obstante, as questões transbordavam. Era preciso se lançar na corrente, organizar cursos, seminários, propor objetos de pesquisa. O que, bem ou mal, foi feito. Campos de estudo se multiplicaram e, conseqüentemente, a quantidade de dissertações aumentou, abarrotando as prateleiras das bibliotecas. Em vinte

---

<sup>17</sup> Cf. DUPONT, Christine: *Partisans, out.-dez. 70.*

anos, formou-se uma "acumulação primitiva". Três datas simbólicas darão uma idéia do itinerário percorrido.

1973, "*Les femmes ont-elles une histoire?*". Assim era intitulado o primeiro curso ministrado em Jussieu, traduzindo tanto nossa incerteza quanto nossa falta de direcionamento e nossa carência de materiais. Incapacitadas de tratar o objeto, convidamos alguns dos mais prestigiados sociólogos (Andrée Michel inaugura o curso) e historiadores (P. Vidal-Naquet, J. Le Goff, E. Le Roy Ladurie, M. Ozouf, etc.) para tentarem responder a esta questão a partir de suas próprias pesquisas.

1983, "*Une Histoire des femmes est-elle possible ?*". Dessa vez, título de um colóquio ocorrido em Saint-Maximin (Var). Não duvidávamos mais que as mulheres tinham uma história, mas nos perguntávamos como escrevê-la.<sup>18</sup>

1990-92, publicação da *Histoire des femmes en Occident* e cristalização dos trabalhos acumulados (não somente na França, é claro), embora esteja longe de abraçar todos eles.

Em vinte anos, consolidou-se um campo de pesquisas que evoluiu nos seus objetos, seus métodos e pontos de vista. Tratava-se inicialmente de tornar visível o que estava escondido, de reencontrar traços e de se questionar sobre as razões do silêncio que envolvia as mulheres enquanto sujeitos da história. Isso conduziu a uma reflexão em torno da história enquanto produto da dominação masculina, a qual atuava em dois níveis: nível dos próprios acontecimentos e nível da elaboração deles empreendida pelo relato (*story* e *history*).

No interior desse mesmo movimento, interessava inicialmente as figuras femininas mais oprimidas: prostitutas, domésticas, operárias, mulheres agredidas etc., as vítimas, expressão da condição feminina.

---

<sup>18</sup> Os resultados desse colóquio foram publicados sob a direção de Michelle PERROT, Marseille-Paris, Rivages, 1984; tradução inglesa: *Writing Women's History*. Oxford, Blackwell, 1992.

A seguir, emerge como central a questão do corpo das mulheres, suas funções, sua apropriação, sua representação.

Mais adiante, nos questionamos sobre as mulheres enquanto agentes responsáveis pelos seus destinos individuais e coletivos, sobre suas capacidades de resistência e de transformação. Procuramos compreender o papel das mulheres nos movimentos sociais e nas revoluções. Fez-se a história do feminismo. O problema do acesso das mulheres aos diversos níveis de conhecimento (leitura, escrita, técnicas etc.), da criação e do poder suscitou - e ainda suscita - inúmeros trabalhos.

Os pontos de vista da historiografia francesa também se transformaram, creio eu, de maneira similar aos da historiografia norte-americana. Ambas partem de uma história das mulheres um pouco restrita para uma história sobre *gender*, sobre relações entre os sexos; partem de uma história social em direção a uma história mais preocupada com as representações e consciente da importância dos símbolos, refletindo intensamente acerca de algumas noções, tais como "cultura" e "poder" das mulheres - ainda hoje a questão do poder político chama a atenção.

Porém, tudo isto não ocorreu ao léu. Observa-se claramente isso nas críticas formuladas à *HDFO*, por exemplo, no colóquio "*Femmes et Histoire*", organizado na Sorbonne entre 13 e 14 de novembro de 92, e especialmente nas "Leituras Críticas" que, aliás, nós mesmas havíamos suscitado.<sup>19</sup> São esses debates que gostaria de evocar, agora, como uma espécie de fechamento da minha reflexão.

---

<sup>19</sup> *Femmes et Histoire*, sob a direção de G. DUBY e M. PERROT, *Actes du colloque de la Sorbonne, 13-14 de novembro de 1992*. Paris, Plon, 1993.

### III. Problemas

#### III. 1. Relacionados à *HDFO*

Relembrarei quais foram nossas escolhas para esta coleção:

- a longa duração: da Antigüidade greco-romana até nossos dias.

- um espaço relativamente restrito: o Ocidente ou Europa do Oeste e América do Norte.

- não se trata de uma enciclopédia, mas de uma história datada e temática, privilegiando em cada período os temas mais sensíveis, aqueles que permitiriam compreender uma época ou explicar uma transformação, isso tudo em função dos trabalhos disponíveis, dos quais tal obra torna-se evidente e absolutamente devedora.

- trata-se de uma história da diferença entre os sexos, das relações entre os sexos, uma história das mulheres, a qual, por sua vez e para nós, só pode ser compreendida nessa perspectiva. Tal foi o pedido minimamente formulado aos autores e inegavelmente aceito. Excetuando essa recomendação, não há nesses volumes uma "linha", uma doutrina, apenas a afirmação comum e tranqüila - pelo próprio fato de escrevê-la - que as mulheres têm uma história e que criá-la é uma tarefa séria.

Inúmeras críticas, espontâneas ou suscitadas, foram dirigidas à *HDFO*. Mencionarei apenas as principais:

- 1) Logo de início, crítica à própria existência do objeto, sem dúvida um objeto prematuro, pois significaria a invenção de mais um cânon ou um ponto de referência obrigatório. É o risco da "canonização", crítica formulada por Bonnie Smith em um debate em Amsterdam.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> SMITH, Bonnie: "Canonization in Women's History", a sair em *Lover Literatuuroverzicht voor de vrouwenbeweging*. Amsterdam, 1994.

É verdade, mas seria preciso lembrar que essa pesquisa é modesta e se pretende **uma** história das mulheres (não **a** história das mulheres). Seria preciso lembrar ainda que o campo de pesquisas, no qual aliás ela se inspira, além de ser infinitamente amplo, tanto na França quanto principalmente no estrangeiro, se enriquece quase diariamente com novos trabalhos ? No Outono de 1993, para dar um exemplo, quatro teses foram defendidas em Paris neste campo: uma acerca da militância das mulheres na região de Saint-Nazaire (D. Loiseau), outra sobre as mulheres no Partido Comunista no entre-guerras (J. Tardivel), uma terceira acerca do feminismo francês no entre-guerras (Ch. Bard) e, sobretudo, uma sobre os "*Os papéis femininos na vida privada na Terceira República*", doutorado apresentado por Anne-Marie Sohn, sob a direção de Maurice Agulhon. Contendo uma vastidão de informações concretas, particularmente acerca da vida e das atitudes das mulheres das classes populares (a autora escrutinou sistematicamente todas as séries judiciárias - chamadas séries U - da França inteira entre 1880 e 1930), este gigantesco trabalho de arquivo se situa justamente fora dos estudos mais feministas, aos quais, entretanto, se refere com frequência. Essas teses evidenciam a vitalidade de um campo de pesquisas que se desenvolve de maneira autônoma e pluralista.

2) Problemas de espaço e tempo: a noção de Ocidente é globalizante, abstrata e, nesses tempos de ofensivo racismo, talvez perigosa. Foi escolhida por comodidade, necessidade (era preciso ter em conta os trabalhos existentes) e, além disso tudo, em função da hipótese subjacente que existem "relações entre os sexos próprias do Ocidente". Contudo, é também verdade que essa noção nega as diferenças (nacionais, regionais ou mesmo locais) e dissimuladamente produz uma categoria duvidosa: as mulheres ocidentais. É também demasiadamente enrijecedora e não dá conta dos incessantes deslocamentos das populações, dos contatos migratórios e culturais, dos efeitos da colonização nos dois sentidos, da presença do Islão no coração da Europa. Os

problemas atuais da ex-Iugoslávia mostram o perigo que há em subestimar os fatores étnicos. Quanto à cronologia, foi escolhida a longa duração (na tradição da *Escola dos Annales*) e adotada as divisões clássicas da história da Europa ocidental, ao menos tais como foram definidas pelos historiadores do século XIX. Poder-se-ia construir uma outra cronologia das relações entre os sexos, levando em conta as maiores reviravoltas, as verdadeiras rupturas, os acontecimentos essenciais ? Para essa questão, colocada incessantemente pelos nossos interlocutores, não fornecemos uma resposta satisfatória.

3) História das mulheres ou história da relação entre os sexos ? Sob o ângulo teórico, a diferença entre *Sex* e *Gender* (termo quase intraduzível em francês), caro sobretudo às acadêmicas americanas (cf. Joan W. Scott), foi um dos eixos de reflexão nos últimos anos. Aliás, a idéia segundo a qual a diferença entre masculino e feminino não é um dado natural imutável, mas uma construção histórica e cultural, convém particularmente ao procedimento histórico. Posto que a diferença entre os sexos é uma construção, pode-se assim desconstruí-la, em todos os níveis (teorias e práticas, representações e fatos materiais, palavras e coisas). Uma área é mais propícia do que as demais para uma análise desse tipo: o campo do Direito, uma vez que constitui um objeto de definições precisas.

Todavia, esse ponto de vista não é unânime. Gianna Pomata apresenta uma primeira objeção na sua contribuição às "Leituras Críticas" do colóquio *Femmes et Histoire*: "I think that gender history is a perfectly legitimate and extremely useful area of historical research. But it should not be confused with women's history and it cannot preempt the need for a social history of women. I see the foremost task of women's history not

in 'deconstruction' as the male discourse about women, but in the effort to overcome that 'scarcity of facts' about their lives".<sup>21</sup>

Segunda objeção: o risco de tautologia que espreita o indeterminável limite entre feminino e masculino (feminino = feminino, masculino = masculino). O estudo de algumas categorias imprecisas ou subversivas (androginia, travestismo, homossexualidade, por exemplo) é um meio de atenuar esse problema.

Terceira objeção, muito mais fundamental: a questão das posições invariantes que opõem, direta ou indiretamente, história e psicanálise, especialmente quando esta considera a categoria de sexo enquanto um dado natural e uma estrutura elementar. A distância que separa Freud de Lacan autoriza uma pausa na respiração. "A Mulher não existe", diz o segundo, encantando as historiadoras, obcecadas por abraçar as pluralidades e singularidades. Por outro lado, muitos psicanalistas ao menos admitem a existência de uma historicidade das formas de feminilidade e de masculinidade, tornando o diálogo perfeitamente possível. Pode-se ir mais longe na recusa das posições invariantes e fazer da diferença entre os sexos uma pura criação da linguagem e do plano simbólico ?

4) História social ou história das representações ? Censurou-se a *HDFO* por ser acima de tudo uma história dos discursos e, conseqüentemente, uma história da palavra e do imaginário masculinos.

Na medida em que essa censura é pertinente, ela se explica ao menos por duas razões: 1) a questão das fontes, sobretudo e efetivamente masculinas; 2) a consciência da

---

<sup>21</sup> "Creio que a história sobre gênero é uma área de pesquisa histórica perfeitamente legítima e extremamente útil. Porém, é preciso não confundí-la com uma história das mulheres e não tentar suprir, através dela, a carência de uma história social das mulheres. Reconheço como primeira tarefa da história das mulheres não a 'desconstrução' do discurso masculino erigido sobre as mulheres, mas o esforço para sobrepujar a 'escassez de fatos' relativos às suas vidas." [Em inglês, no original].

importância do âmbito simbólico, das representações e das imagens, a longa duração dos sistemas de valores fundantes de uma dominação masculina que certamente evolui nas suas formas, reconstituindo-se sem cessar.

A tese de Anne-Marie Sohn, já citada, é um exemplo de contestação alternativa. Utilizando fontes judiciais, ela se aproxima mais das propostas e condutas das mulheres do povo, descritas no domínio da Justiça. Além disso, destaca a extraordinária resistência dessas mulheres ao discurso dominante (por exemplo, em matéria de natalidade), sua atuação cotidiana no sentido de organizar seus espaços de liberdade e gerir sua vontade de serem felizes.

Enunciei até aqui, muito rapidamente, algumas objeções e críticas formuladas à *HDFO*. Observa-se que atingem o conjunto do campo estudado e ultrapassam, sem a menor sombra de dúvida, a disciplina histórica.

### III. 2. História das mulheres, universidade e sociedade francesas

O sucesso relativamente grande da história das mulheres e particularmente da *HDFO*, que desse ponto de vista certamente desempenhou um papel mediador no nível da esfera pública, contrasta com a prudente reserva do mundo universitário.

As razões do sucesso precisariam ser melhor analisadas. Além do suporte muito ativo da mídia, que não prejudicou sua repercussão (tanto no audiovisual quanto na imprensa escrita), parece que um certo número de homens e um número maior ainda de mulheres apreciaram esse tipo de abordagem da história. Muitas mulheres, bastante afastadas do mundo acadêmico, afirmaram que ora sentiram-se mal ao lerem esses livros, ora ficaram felizes com a existência deles, como se subitamente tomassem consciência de suas identidades enquanto sujeitos e de suas presenças no mundo.

Já a notoriedade em torno da disciplina histórica aparenta ser muito mais frágil. Se a história das mulheres parece hoje ser legítima<sup>22</sup> (desse ponto de vista, não foi por acaso a escolha da Sorbonne como lugar do colóquio "*Femmes et Histoire*"), suas bases institucionais permanecem extremamente débeis, em função da própria rigidez de organização dos cursos e das disciplinas. Por outro lado, ela não operou a "ruptura epistemológica" com a qual sonhavam certas feministas dos anos 70. Pode-se esperar, com justiça, que tenha revertido o olhar histórico e instaurado a questão das mulheres e da diferença entre os sexos como algo realmente sério. A evolução atual da história na direção de uma história política e intelectual inspirada nas grandes obras, nos grandes textos e acontecimentos etc., por mais necessária que seja, não ocorre sem que surjam problemas. É surpreendente ver a pequena atenção reservada às mulheres nas obras de envergadura, tais como *Les Lieux de Mémoire* (Pierre Nora, editor), ou nas comemorações do Bicentenário da Revolução Francesa. Talvez, nos Estados Unidos, alguém falasse de um *backlash* relativo à história das mulheres!

Isso seguramente coloca a questão do sentido desta experiência concernente às relações entre os sexos na sociedade francesa. As pesquisadoras francesas desejam antes entrar nas instituições existentes do que criar novas. A "estratégia" (se é possível falar dessa maneira) da história das mulheres visa a integração e o confronto mais do que a ruptura radical. Muitas razões para tal fato podem ser levantadas. Aqui estão três delas: a rigidez e a centralização do sistema universitário, já invocadas; o desejo de evitar o embate com o outro sexo ou a vontade de acordo mútuo (desse ponto de vista, Simone de Beauvoir já era

---

<sup>22</sup> Os *Annales* foram a revista mais receptiva quanto à história das mulheres. Publicaram um artigo da nossa equipe, "Culture et Pouvoir des femmes. Essai d'historiographie", 2, março-abril de 1986; publicaram também, na sua edição de setembro-outubro de 1993, as "leituras críticas" do colóquio *Femmes et Histoire*.

um exemplo, ainda que seu modelo tenha envelhecido)<sup>23</sup>; por fim, a força do individualismo francês, reencontrado também na história do acesso das mulheres à cidadania política, estudada recentemente por Pierre Rosanvallon. Perguntando-se pelas razões do singular atraso das mulheres francesas na obtenção do direito de voto, ele as encontra na própria estrutura dos sistemas políticos e nos princípios filosóficos e políticos que os sustentam: de um lado, utilitarismo e comunitarismo, próprios dos países anglo-saxões; de outro, individualismo universitário, próprio dos franceses. Conclamadas a votar pelos anglo-saxões em razão da sua especificidade, as mulheres são excluídas, na França, por uma razão similar, só que francesa.<sup>24</sup> A "consciência de gênero", o "nós" das mulheres francesas, não pode, nessa democracia individualista, alcançar o nível ou pelo menos tomar as mesmas formas encontradas na sociedade comunitarista norte-americana. Uma vez que as relações entre os sexos são diferentes, também difere a maneira de escrever sua história.

São hipóteses, é claro, mas que, em todo caso, coloco em discussão.

---

<sup>23</sup> O artigo que Josyane SAVIGNEAU (diretora do suplemento "Literário" do *Le Monde*) consagrou ao elogio de Simone de Beauvoir (publicação de agosto de 1993) é, sob esse ângulo, muito interessante.

<sup>24</sup> ROSANVALLON, Pierre: *Le sacre du citoyen. Histoire du suffrage universel en France*. Paris, Gallimard, 1992; também sua comunicação no colóquio *Femmes et Histoire*. Paris, Plon, 1993, pp. 81-86.